

R U D O L F S T E I N E R

# FISIOLOGIA E TERAPIA

**BASEADAS NA CIÊNCIA ESPIRITUAL**

**3º CURSO PARA MÉDICOS E ESTUDANTES DE MEDICINA**

QUATRO CONFERÊNCIAS

DORNACH, DE 07 A 09 DE OUTUBRO DE 1920.

QUATRO CONFERÊNCIAS

STUTT GART, DE 26 A 28 DE OUTUBRO DE 1922.

PARTE DO  
GA 314

TRADUÇÃO DE  
DR. BERNARDO KALIKS



Estas conferências, originalmente não destinadas à publicação, foram extraídas de notas estenográficas não revistas pelo autor. Rudolf Steiner diz na sua autobiografia: “Quem lê estes textos pode toma-los como aquilo que a Antroposofia tem a dizer... Mas deve levar em conta que nos textos não revistos por mim podem existir erros”. As premissas e a nomenclatura da Antroposofia ou Ciência Espiritual estão expostas nas obras fundamentais de Rudolf Steiner.

Caros amigos

Por ocasião do VIII Congresso de Medicina Antroposófica a Diretoria da ABMA Nacional deu o primeiro passo no sentido de publicar as obras básicas de Rudolf Steiner, essenciais para a Medicina Antroposófica. Nosso esforço foi direcionado em oferecer este material que se encontrava sob forma de apostilas em formato de livros.

Como terceiro título a ser oferecido à classe médica antroposófica brasileira, publicamos o presente volume: *Fisiologia e Terapia baseada da Ciência Espiritual*. Nele se encontram dois ciclos de palestras para médicos, que fazem parte de um ciclo maior de pequenas conferências ministradas por Rudolf Steiner em diversos locais (GA 314), integrando vários cursos.

Acreditamos que este texto complementa o conteúdo dos livros editados anteriormente.

Desejamos a todos uma ótima leitura.

**pela Diretoria da ABMA**

Francisco Braz

Luis Carlos Nascimento

José Carlos Machado

Ronaldo Perlatto

outubro de 2009.

**..... ÍNDICE:****FIOLOGIA E TERAPIA****BASEADAS NA CIÊNCIA ESPIRITUAL****PRIMEIRA CONFERÊNCIA:****Dornach, 07 de outubro de 1920 ..... pág. 09****SEGUNDA CONFERÊNCIA:****Dornach, 08 de outubro de 1920 ..... pág 21****TERCEIRA CONFERÊNCIA:****Dornach, manhã de 09 de outubro de 1920 ..... pág. 35****QUARTA CONFERÊNCIA:****Dornach, tarde de 09 de outubro de 1920 ..... pág. 49**

# **AS BASES ANTROPOSÓFICAS**

## **PARA A ARTE MÉDICA**

### **PRIMEIRA CONFERÊNCIA:**

**Stuttgart, 26 de outubro de 1922 ..... pág. 69**

### **SEGUNDA CONFERÊNCIA:**

**Stuttgart, manhã de 27 de outubro de 1922 ..... pág. 94**

### **TERCEIRA CONFERÊNCIA:**

**Stuttgart, tarde de 27 de outubro de 1922 ..... pág. 112**

### **QUARTA CONFERÊNCIA:**

**Stuttgart, 28 de outubro de 1922 ..... pág. 131**

## PRIMEIRA CONFERÊNCIA

DORNACH, 07 DE OUTUBRO DE 1920

O conferencista ainda não chegou. Espero que ele chegue logo, pois não quero vê-los esperando. Esta série de conferências têm, evidentemente, especial importância para nosso curso. Trata-se de mostrar como nossa Ciência Espiritual Antroposófica é verdadeiramente capaz de atuar na vida prática. Cada um de nós sente no próprio corpo que um dos segmentos mais importantes da prática cotidiana é o da Medicina, da terapêutica; eis porque, entre outras razões, não foi possível prescindir da introdução da Antroposofia no campo da Medicina, desde que nossos esforços tiveram início.

Neste curso colocamos um especial empenho na escolha de especialistas reconhecidos, também oficialmente, para cada matéria, no intuito de representar a Ciência Espiritual perante o mundo; e isto é necessário para que nossas afirmações sejam acolhidas como devem ser. Até que o conferencista chegue, tentarei dizer alguma coisa sobre fisiologia e sua relação com a terapêutica, do ponto de vista da Ciência Espiritual. O tema de hoje, aliás, deveria abordar algo neste sentido. E quero lhes mostrar como a vocação da Ciência Espiritual é, também, intervir sobre o estudo da Medicina, a prática médica e toda a arte médica.

Vocês sabem que, nas universidades em geral, o estudo de Medicina é precedido pelo estudo das Ciências Naturais. Ou seja, após conhecer os fenômenos biológicos e fisiológicos, o estudante dedica-se aos fenômenos patológicos, para só depois chegar à terapêutica. Mas, entre os meus prezados ouvintes, deve haver muitos que também sabem que

a terapêutica leva bastante desvantagem neste estudo de Medicina. A orientação científica dirige o estudo de Medicina à compreensão dos processos naturais do ser humano, de modo que, ao chegar à Patologia, o estudante traz consigo determinada noção dos processos naturais, o que dificilmente lhe permite relacionar-se de forma adequada com os processos patológicos. Há pouco tempo surgiu uma determinada opinião, aliás, não destituída, de fundamento: fomos habituados a adquirir uma maneira bem definida de ver os processos naturais, sua inter-relação e a causa em que se baseiam. De acordo com essa maneira de ver, devemos procurar, no ser humano saudável, determinados processos naturais em uma relação causal necessária. Ora, o que mais poderemos procurar no doente, no organismo doente, senão processos naturais de decurso necessariamente causal? Não obstante, somos obrigados a reconhecer que o que se apresenta no processo de doença – visivelmente condicionado de maneira causal – representa uma anomalia em relação ao organismo sadio, se exclui, de certo modo, das relações causais que dominam o organismo sadio. Em suma, desde que penetramos no âmbito da Medicina, nos tornamos inseguros e céticos quanto aos fundamentos da mentalidade científica moderna. Foi o que levou muitos médicos ao ceticismo ou ao que já mencionei em outras ocasiões: um tipo de ‘niilismo’ em relação à terapêutica. Ainda tive tempo de conhecer os famosos catedráticos da Faculdade de Medicina de Viena – a mais gloriosa em sua época – que eram, no fundo, niilistas terapêuticos. Eles diziam: *“Em uma doença como a pneumonia, por exemplo, – eles serviam-se de exemplos de doenças especialmente adaptáveis a tal maneira de ver – podemos apenas esperar que a doença percorra sua evolução e aplicar quaisquer medidas externas atenuantes, estimulantes, etc., a fim de dirigir adequadamente sua evolução até que atinja o ápice, e que, em seguida, o processo decline. Na verdade, não podemos admitir a existência daquilo que durante séculos e milênios foi chamado de ‘cura’.”*

Se este ponto de vista fosse desenvolvido até às últimas conseqüências, a Medicina se transformaria paulatinamente em mera patologia. Pois,

no que tange ao exame das doenças – do ponto de vista da ciência materialista, bem entendido – alcançou-se uma perfeição extraordinária, justamente na época da terapêutica niilista. E agora eu gostaria de alertar quanto a um mal-entendido: alguém poderia supor que desta cátedra, ou de qualquer lado da Ciência Espiritual de orientação antroposófica, o enorme significado das Ciências Naturais modernas é mal interpretado ou subestimado. Isto não é absolutamente verdade. Por mais restrita que seja a compreensão das pessoas sobre o progresso dos métodos de exame patológico durante a segunda metade do século XIX, eles são dignos da maior admiração e respeito. Mais ainda, é necessário reconhecer este fato irrevogável: realmente, o materialismo se impôs. O materialismo, em primeiro lugar, não pode satisfazer determinadas necessidades da vida humana dos sentimentos, tampouco pode iluminar suficientemente as amplidões do conhecimento humano. Por outro lado, este mesmo materialismo cumpriu sua missão. Ele desenvolveu a capacidade de pesquisa experimental de forma altamente conscienciosa. A moderna patologia – embora materialista – se deve exclusivamente ao materialismo. Hoje, a pessoa que não é unilateral é mal vista; quando redator e editor do *Magazin für Litteratür*, chamaram-me materialista porque escrevi um artigo, por ocasião da morte de Büchner<sup>1</sup>, em que não o condenava; ao contrário, eu reconhecia seus méritos. O essencial na vivência e na prática da Ciência Espiritual é justamente a capacidade de colocar-se em qualquer situação, de encontrar em toda parte a forma de pensamento e de sentimento da qual se originam, eventualmente, as orientações filosóficas mais opostas. Trata-se aqui da capacidade de estimar os méritos, inclusive daquilo que se derivou de algo como o materialismo, por mais que este deva ser superado, e que é, na verdade, uma exigência da época atual.

---

1 N.T.: Friedrich Karl Christian Ludwig Büchner (1824-1899) escritor e médico alemão do século XIX.



Mas ainda quero chamar sua atenção para outro aspecto. Vocês ouviram aqui, no decorrer de nossas conferências, que tendemos para a fenomenologia nas Ciências. Ouviram também, e com toda razão, que devemos nos orientar na direção de uma fenomenologia anímica livre de hipóteses. Ora, é minha expectativa que, diante dos vários assuntos a ser abordados, alguém encontre nas exposições um ou outro aspecto que lhe pareça ser uma hipótese, justamente em relação à Medicina e à prática médica. Mas, de início, o conceito de hipótese deve ser bem delineado, principalmente quando nos propomos a estudar o orgânico a partir do inorgânico.

O que é uma hipótese? Tomemos um exemplo trivial, da vida comum de todos os dias: vejo uma pessoa caminhando pela rua, e em seguida não a vejo mais; minha conclusão inicial não será a de que a pessoa tenha sido engolida pelo solo, esse seria um caso muito raro; observando os arredores, talvez veja uma casa. Posso conduzir meus pensamentos de tal maneira que chegue à conclusão de que a pessoa tenha entrado na casa. Agora eu não a vejo, mas ela está dentro da casa, e minha hipótese não será infundada; de certo modo, devo aceitar como hipótese os pensamentos que formei durante a percepção visual, os quais exigem uma seqüência explicativa quando a percepção se interrompeu; tive então de assumir algo derivado de minha seqüência de representações, embora esta não seja passível de uma observação direta, não consistindo, portanto, de um fenômeno imediato. Assumindo algo neste sentido, não estarei formulando uma hipótese pré-estabelecida, como tampouco no exemplo seguinte: se verifico e determino o calor em algum processo com o auxílio de um termômetro, constatando em seguida que ele desaparece por um processo de solidificação ou algo semelhante, não estarei estabelecendo uma hipótese infundada ao falar em calor latente desaparecido.

Portanto, quanto à pesquisa bem sucedida, importa justamente ampliar, aqui e ali, a quantidade de fenômenos sensíveis. Uma hipótese será ilegítima quando leva a idéias que tornam evidente ao pensar coerente que jamais

poderá ser percebido o que elas supõem como fundamento. Neste caso, tais representações – entre as quais se contam a teoria atômica, a molecular; etc. – deverão ser enriquecidas com elementos tais que jamais poderão ser percebidos; do contrário, eles já teriam sido percebidos. Por exemplo, ninguém se deve deixar iludir quanto a possibilidade de se explicar a luz pelo movimento, ainda que fosse possível visualizar por um processo qualquer as menores partículas dos corpos. Porque nesse caso, a luz deveria ser introduzida nessas mínimas partículas.

Peço que vocês aproveitem esta oportunidade para formar uma idéia clara sobre o raciocínio justificado no âmbito da experiência e o estabelecimento de hipóteses injustificadas.

Se agora voltarmos ao pensamento anterior, devemos dizer o seguinte: vemos diante de nós o assim chamado ser humano normal. Vemos, por outro lado, o indivíduo doente. É preciso necessariamente reconhecer em ambas as organizações um processo que transcorre de acordo com a natureza. Entretanto, qual é a relação entre um processo e o outro?! É justamente a divisão entre Fisiologia, Patologia e Terapêutica – uma divisão que se tornou habitual recentemente – o que nos impede de alcançar as representações adequadas sobre as relações de um processo com o outro. Além disso, o médico moderno não pode, em verdade, levar o espiritual em consideração quando exerce Fisiologia ou Patologia, porque o espiritual é uma incógnita para a mentalidade científica moderna. Por essa razão ele não se ajusta às nossas observações. Mas se colocarmos esses dois processos da natureza – o fisiológico e o patológico – frente a frente, de forma clara e visível, ainda que inicialmente abstrata, veremos delinear-se formas finais do patológico e, talvez possam resultar idéias frutíferas dessa observação. Vocês não precisam obrigatoriamente pensar, desde o início de uma ciência, na existência ou na exigência de uma necessidade incondicional. Aquilo que chamamos de 'certeza', de necessidade interior, pode surgir mais tarde, ao longo das observações. Sendo assim, eu diria que é possível abordar a observação de determinado fenômeno natural

por qualquer lado. Podemos exemplificar com um caso extremo, tomado ao organismo humano doente. Temos um caso desses, muito extremo, e que tem causado grandes dificuldades à Medicina moderna: a formação do carcinoma, do câncer.

Vemos surgir no quadro dessa doença algo que, no organismo comum, se apresenta como algo orgânico, também ao microscópio – ou, pelo menos, aparentemente orgânico – e surge de tal maneira que paulatinamente destrói a vida do organismo. De início, podemos apenas dizer que encontramos algo que surge no interior do ‘soma’, que vemos surgir de profundezas desconhecidas e que se interpõe e altera o decurso normal da natureza.

Mas também podemos abordar o outro extremo do organismo patológico; podemos ver como surge, por outro lado, aquilo que de certa forma é um exagero: a exacerbação da atividade normal do organismo humano, e, então, o consideraremos anormal. Não quero abusar dos termos ‘normal’ e ‘anormal’, mas eles podem servir provisoriamente ao nosso entendimento. Prosseguindo com estas observações, veríamos que o normal simplesmente se prolonga até o anormal, em certas transições. Mas por ora podemos perfeitamente nos entender com esses termos. Quando observamos a organização humana normal, vemos que, do ponto de vista psíquico, também se desenvolve determinado tipo de volição, de sentimento e de pensamento. Na vida social, habituamo-nos pouco a pouco ao hábito de extrair certo tipo de imagem da normalidade, a partir de representações que formamos pela convivência, e esta imagem nos induz a considerar como normal uma pessoa que forma seu querer, sentir e pensar de determinada maneira e intensidade.

Podemos resumir este argumento na seguinte conclusão: quando o organismo funciona excessivamente ele funcionaria, digamos, como qualquer corpo que contenha calor latente; ao retirarmos esse calor, que é excessivamente entregue como calor livre ao ambiente, ao ponto de não se saber mais o que fazer com esse calor; então se o organismo humano

funcionasse assim, liberando muito nessa direção, se nessa situação tivéssemos a percepção real desse organismo, ele nos mostraria os mesmos resultados que encontramos, por exemplo, no âmbito do pensamento quando o emocional desempenha nele um papel muito intenso através dos sentimentos. No que diz respeito à estrutura do pensamento, esse organismo se revelaria comprometido por aquilo que chamamos 'mania'. Vemos, então, aparecer neste organismo algo decorrente de sua inundação por forças de configuração que tendem ao sensorial. Nas formações carcinomatosas temos, digamos, uma força natural que atua de maneira configuradora ao se separar do organismo, e se integra ao organismo como força de organização. Por outro lado, nas manifestações patológicas da 'mania' ou semelhantes, temos algo que não pode ser contido pelo organismo, se exterioriza dele. Se fizemos um desenho, se poderia dizer: na formação normal do organismo humano, o aparecimento do carcinoma

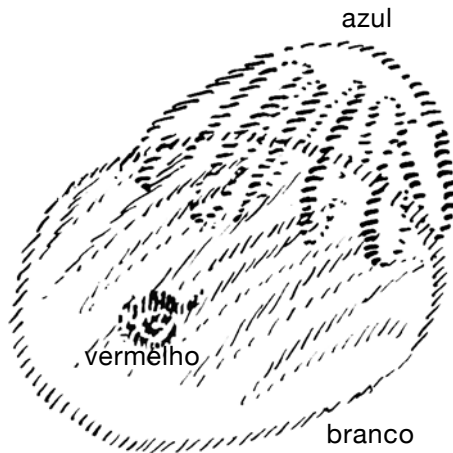


Fig. I

(vermelho no desenho) poderia ser desenhado como resultado de forças de crescimento retidas no interior do organismo: este deve então prover este local de algo que normalmente forneceria a todo o organismo. Se eu quisesse desenhar – esquematicamente, é claro – o que acontece no outro pólo, na mania, deveria fazer algo que tende para fora do organismo (azul no desenho), em direção ao psico-espiritual (anímico).

Em seguida, vocês podem imaginar os casos extremos que citei aqui, de forma atenuada. Imaginemos que não se chegue à formação do carcinoma, mas apenas à formação carcinomatosa interrompida. Neste caso, um órgão qualquer é atingido (sim, naturalmente as coisas não podem surgir do nada, nem mesmo nos “vãos livres” do organismo), mas a força que no carcinoma tende para o dentro e se emancipa no interior, se liga à força normal existente no organismo; teremos então uma afecção do órgão, que podemos denominar de acordo com a nomenclatura consagrada na Medicina.

Suponhamos que tal tendência à mania tenha sido interrompida. O indivíduo em questão não será levado à extroversão total do anímico-espiritual como na mania acentuada, na qual os pensamentos, seguindo um curso emocional independente, fazem com que a pessoa fique totalmente fora de si. Aquilo que tende ao outro extremo é interrompido no meio do caminho, e teremos agora as diversas formas das chamadas doenças mentais – repito, assim chamadas ‘doenças mentais’ (geistig)<sup>2</sup> – desde as ilusões organicamente condicionadas, até estados como histeria, etc., que dificilmente podem ser detectados organicamente, embora tenham sempre uma raiz orgânica.

Como vocês vêem, tentamos acompanhar em duas direções os fenômenos que nos levam do normal ao patológico. Só quando se acompanha essas manifestações é possível chegar a uma idéia sobre elas.

---

2 N.T.: Geistig, em alemão, significa ‘espirituais’.